



1. Como estudar, como ensinar ...

- ❖ Estas duas tarefas estão intimamente relacionadas. No caso da Bíblia, de maneira mais profunda ainda, pois quem a estuda, o faz para testemunhar, para ensinar.
- ❖ Portanto, **quem ensina** deve ter uma boa formação teórica; dominar o conteúdo e estar apto para lecionar.
- ❖ E **quem aprende** deve ser motivado a uma postura crítica, reflexiva e construtora, na medida em que se apropria dos recursos fornecidos e elabora a sua própria maneira de conhecer. Na verdade, é preciso aprender a aprender!

2. Pressupostos para ler e estudar a Bíblia

- ❖ Reconhecer a Bíblia como fruto de um processo histórico longo e repleto de variantes. A História humana é o palco da Revelação de Deus.
- ❖ Os textos bíblicos não são frutos de uma experiência individual simplesmente; eles são o resultado de uma ampla e fecunda vivência comunitária e social. A Bíblia é um livro feito em mutirão.
- ❖ A Bíblia é uma espécie de testemunho da experiência de fé do povo de Israel e da Igreja Primitiva. Ela é, nada mais nada menos, que o diálogo travado entre Deus e sua Criação, especialmente com os homens e mulheres concretos de Israel, da Igreja e ... de hoje.
- ❖ É indispensável na leitura da Bíblia, manter o equilíbrio entre Fé e Razão.
- ❖ Perceber as distâncias entre nós e a Bíblia, no tocante à história, sociedade, valores, costumes e, até mesmo, religião.
- ❖ Procurar conhecer o máximo possível sobre a história de formação da Bíblia, para melhor compreender o lugar que ocupa cada uma de suas partes no todo.
- ❖ Buscar conhecimentos sobre o ambiente sócio-histórico do texto que se quer estudar; averiguar o seu contexto.
- ❖ Para cada texto, é necessário que se conheça o livro da Bíblia de onde foi extraído, para que sejam definidas as características dele; como, por exemplo, o gênero literário, os acentos teológicos e as suas peculiaridades.

3. Metodologia de estudo do texto bíblico

1ª Parte – material de apoio

- ❖ Tenha sobre a mesa várias traduções da Bíblia, para comparações.
- ❖ Use um dicionário e um comentário bíblico.

¹ Material da Oficina apresentada no VII Encontro Regional de Escola Dominical, 2010.

² Ricardo é pastor na 1a RE. Atua também como Professor de Teologia (na Faculdade de Teologia do Bennett e na Fateo).



DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESCOLA DOMINICAL

- ❖ Utilize, também, Bíblias de Estudo; com introduções, notas e referências.
- ❖ Sempre que possível, ao final do seu estudo, leia um estudo já feito (seja em revistas ou livros) para enriquecer criticamente o seu trabalho.
- ❖ Importante: selecione todo esse material com o maior senso crítico possível. Procure saber referências sobre os autores, editoras e obras. Não se deixe levar pelas aparências.

2ª Parte – lendo o texto

- ❖ Onde e quando ocorreu este fato?
- ❖ Quem são os personagens mencionados na trama?
- ❖ Como se desenrola a história e qual o papel de cada personagem?
- ❖ Quais são as palavras chaves do texto? Aquelas que mais se repetem? Os verbos? Os conceitos centrais?

3ª Parte – compreendendo

- ❖ Que lições estão sendo ensinadas? Sublinhar os valores do Reino de Deus que estão presentes no texto.
- ❖ Como tornar este texto algo que produza transformação em minha vida? Procurar fazer do texto não um instrumento para fins estranhos a ele, mas uma luz para a caminhada de fé dos cristãos.

Para meditar ...

A palavra: um oceano de palavras

Ricardo Lengruher

Há mais de cinco séculos em primeiro lugar na lista dos livros mais impressos, vendidos e comentados do mundo, a Bíblia, livro sagrado do judaísmo e do cristianismo, inaugurou a invenção da imprensa, e desde então já foi impressa em mais de 300 idiomas e suscitou a publicação de milhares de obras de divulgação e interpretação.

Desde os primeiros textos, escritos em rolos de papiro, até às modernas edições comentadas do século XX, a Bíblia manteve uma surpreendente vitalidade e alimentou a fé de muitos povos. Essa força decorre do permanente diálogo entre o livro, que interpela a consciência dos homens, e os homens, que o interrogam em busca de respostas a suas indagações.

A Bíblia, não obstante sua realidade como fenômeno literário e histórico, ultrapassa os limites da literatura, porque o se lê é mais do que palavra, e extrapola as cercas da história, porque o que se conta é bem mais do que acontecimento. Pode-se dizer que a atualidade da Bíblia e sua vitalidade decorrem de sua profundidade.

A Bíblia é como o oceano. Quem o vê pela superfície ou se encanta com o balanço das marés e o barulho das ondas ou se desespera com a quantidade absurda de água. Quem coloca o barco sobre as águas para navegar percebe logo que há muito mais em jogo do que a autonomia do navegante; há os ventos, as correntes marítimas, os recifes e ilhas; há águas quentes e geladas;



DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESCOLA DOMINICAL

há, enfim, um mar inteiro pela frente. Ao seu redor, somente o céu. Como já se canta há tempos na música popular: “não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar!”

Quanto mais fundo se mergulha nas águas, mais se encontra beleza. A serenidade da superfície esconde com sutileza um mundo inigualável. Há quem mergulhe por esporte, há quem o faça por profissão. Mas, em qualquer caso, não há como ignorar a grandeza do mar.

Os amadores se encantam com muitas formas desconhecidas, mas correm o risco de enveredar mergulhos suicidas. Os profissionais vêm com olhos de analistas, mas, com frequência, insensibilizam-se diante do belo.

O som das águas pode acalmar o sono de quem repousa às suas margens, mas as corredeiras impiedosas que descem das tempestades podem assustar e apavorar.

A Bíblia é um oceano. A leitura de suas palavras encanta os ouvidos mais refinados, pois sua poesia é requintadíssima: “Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra de suas mãos!” Sua cadência é regular como a pluralidade de personalidades dos profetas, desconcertantes e inesperados. Homens e mulheres ardorosos no combate às injustiças e inveterados proclamadores do perdão divino. “As vossas mãos estão cheias de sangue!”, denunciam. “Não temas, porque eu estarei contigo!”, animam.

Ainda que o mergulho nas profundezas da Bíblia possa ser encantador como os turistas que se inebriam sob as águas limpas do mar numa manhã de verão, ou árido e exaustivo como as rígidas e, às vezes, despropositadas investidas exegéticas, a Bíblia não permite que suas palavras sejam mercadorias de consumo.

Como o mar, a Bíblia é senhora de si mesma. Sua autonomia está justamente no fato de abrir-se ao seu leitor. Como o mergulhador que precisa voltar à superfície para renovar seu oxigênio, o leitor da Bíblia necessita respirar os ares de fora dela para ver melhor suas riquezas. Daí a importância dos Estudos Bíblicos, cujas raízes estão firmadas no chão que pisamos, nas ruas que vivemos e nas casas que moramos. No saber que cultivamos! Nas orações que professamos!

Se é verdade que a Bíblia é Palavra de Deus, somente o é porque há o desejo divino pela comunicação. Na Bíblia, Deus sai de si mesmo e, num ato comunicativo, alcança sua criação. Acho que não foi por outra razão que João dizia que “o Verbo se fez carne”.

É indispensável respirar ar puro para renovar as descobertas do mergulho. Quando a Igreja nasceu, sob o impacto desconcertante de Pentecostes, Pedro guardava suas velhas tradições, mas foi constrangido a revê-las. “Mata e come!” Paulo descobriu-se na mais profunda e insondável riqueza e liberdade, embora estivesse preso e pobre. “A minha graça te basta!”

Penso que é hora de redescobrir a Bíblia. Não como os turistas de verão que colocam só os pés nas águas mornas da costa, nem tampouco como os escafandristas que esquecem de assistir o pôr do sol preocupados com o mergulho da manhã seguinte. Acho que precisamos tomar



DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESCOLA DOMINICAL

embarcações e, destemidos, deixar os ventos do mar e suas correntezas nos levar para águas desconhecidas. Manter os olhos naquele ponto adiante onde o céu toca a terra. O horizonte. Quanto mais se navega, mais ele se distancia, mas a sua perseguição é o que nos faz navegar.

As crianças entendem bem disso: “Meu barco é pequeno, e grande é o mar. Jesus, segura minha mão!”

A redescoberta da Bíblia deve deixar de considerá-la como o Livro da Igreja e recolocá-la onde nasceu: na vida concreta das pessoas. Deve humanizá-la a ponto de ser mais fácil enxergar o semblante de Deus.

A jornalista Mirian Leitão escreveu com acerto: “Com toda essa beleza estética, com tanta sabedoria, é impressionante que ela continue tão pouco conhecida pela maioria. A Bíblia é tão exuberante que deveria ser conquistada por todos, e cada um, em leitura mansa, calma, reflexiva. Leitura da vida inteira.”

A Bíblia não é almanaque religioso. Nem tampouco coletânea de teologia acadêmica. A Bíblia transpira vida e como tal deve ser compreendida. Suas correntezas submersas e suas diferentes temperaturas não contradizem sua mensagem essencial, antes a plenificam de humanidade e colocam-na no seio da história. Não se pode, por isso, ignorar o caráter divino da Palavra. Os profetas se defrontaram com ele e ficaram aterrados: “Ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros!”

Como bons pescadores, os primeiros discípulos de Jesus intuíram esta dimensão dinâmica da Palavra. E testemunharam o que nunca deve estar perdido na memória: A Bíblia é grande, mas Deus é maior. A Bíblia é palavra de Deus, mas a Palavra transcende as páginas do Livro. Em outras palavras: “Jesus caminhou por sobre o mar!”

Referências Bibliográficas

ARENS, Eduardo. A Bíblia sem mitos: uma introdução crítica. São Paulo, Paulus, 2007

ARMOSTRONG, Karen. A Bíblia. Uma biografia. RJ, Zahar, 2007

BRIGHT, J., História de Israel, São Paulo, Paulinas, 1981.

CAZELLES, Henri. História Política de Israel. São Paulo, Paulinas, 1986.

De VAUX, R. Instituições de Israel no Antigo Testamento. SP, Vida Nova, 2004.

DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. Vol. II. São Leopoldo/Petrópolis, Sinodal/Vozes, 1997.

FOHRER, *História da Religião de Israel*, São Paulo, Paulinas, 1983.

FOHRER, *Introdução ao Antigo Testamento*, Vol. 2, São Paulo, Paulinas, 1978.

KIPPENBERG, H.. *Religião e formação de classes na Antiga Judéia*. São Paulo, Paulinas, 1988.



DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESCOLA DOMINICAL

- KLEIN, Ralph W. *Israel no Exílio. Uma interpretação teológica*. São Paulo, Paulinas, 1990.
- KONINGS, J. *A Bíblia nas origens e hoje*. Petrópolis, Vozes, 2000..
- LAPPLE, A. *A Bíblia hoje: Documentação de história, geografia e arqueologia*, São Paulo, Paulinas, 1989.
- LAPPLE, A. *As origens da Bíblia*, Petrópolis, Vozes, 1983.
- MAIER, Johann. *Entre os dois Testamentos. História e Religião na época do segundo templo*. São Paulo, Loyola, 2005
- METZGER, Martin. *História de Israel*. São Leopoldo, Sinodal, 1963.
- PIXLEY, Jorge. *A História de Israel a partir dos pobres*. Petrópolis, Vozes, 1991.
- PRITCHARD, J. B. (ed.) *Ancient Near Eastern Texts relating to the Old Testament*. Princeton, 1969.
- ROWLEY, H. H. *A fé em Israel. Aspectos do pensamento do Antigo Testamento*. São Paulo, Teológica, 2003
- SCHMIDT, W. H. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Leopoldo, Sinodal, 1994.
- SCHREINER, J. *Palavra e Mensagem*, São Paulo, Paulinas, 1978.
- SCHWANTES, Milton. *Breve história de Israel*. São Leopoldo, Oikos, 2008
- SCHWANTES, Milton. *Sufrimento e Esperança no Exílio. História e Teologia do povo de Deus no século VI a.C.* São Leopoldo/São Paulo: Sinodal/Paulinas, 1987.
- SELLIN, E. FOHRER, F. *Introdução ao Antigo Testamento*, 2 Vol., São Paulo, Paulinas, 1978.
- SKA, Jean Louis. *A Palavra de Deus nas narrativas dos homens*. São Paulo, Loyola, 2005
- SMITH, Mark S. *O memorial de Deus. História, Memória e a Experiência do Divino no Antigo Israel*. São Paulo, Paulus, 2006
- TREBOLLE BARRERA, J. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã*, Petrópolis, Vozes, 1996.
- TÜNNERMANN, R. *As reformas de Neemias*. Sinodal/Paulus, 2004.
- VON RAD, Gerhard, *Teologia do Antigo Testamento*, 2. Vol., São Paulo, ASTE, 1974.
- WESTERMANN, C. *Bíblia – Antigo Testamento*, São Paulo, Paulinas, 1981.
- WESTERMANN, Claus. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo, Paulinas, 1987.
- WOLFF, Hans Walter. *Bíblia: Antigo Testamento. Introdução aos escritos e aos métodos de interpretação*. São Paulo, Paulinas, 1978.
- ZENGER, E. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo, Loyola, 2003.